

## TEXTO E TEXTUALIDADE: TRABALHANDO A ANÁLISE LINGUÍSTICA COM O POEMA CIDADEZINHA QUALQUER

Edna Maria Lopes da Silva<sup>1</sup>

### RESUMO

O presente trabalho é fruto de uma pesquisa de cunho bibliográfico e experiências em sala de aula com alunos do Ensino Médio as quais permitiu ampliar as reflexões sobre o ensino de língua portuguesa e a prática de análise linguística, conforme sugerido pelos PCNEM, concorrendo para compreensão do texto enquanto unidade de discurso. Ao trazer para a reflexão o ensino da língua e a prática de análise linguística na prática pedagógica trabalhou-se as concepções de texto, textualidade e seus elementos, dando prioridade a coesão e a coerência, estes, recorrentes e importantes para as produções orais e escritas dos alunos do Ensino Médio. Para dar prosseguimento aos objetivos, trabalhou-se com a leitura, compreensão e interpretação do poema Cidadezinha Qualquer do Carlos Drummond de Andrade. Concluiu-se que é fundamental e necessário despertar o leitor crítico, reflexivo e competente em sua língua, desde que haja uma conversão de uma prática puramente metalinguística para uma reflexiva, pelo viés semântico, pragmático-discursivo. Ao fazer isto o docente trabalha como uma concepção de leitura, escrita e ensino da língua de forma inovadora.

Palavras-chave: Ensino, Textualidade, Coesão, Coerência, Análise linguística.

### INTRODUÇÃO

É perceptível no trabalho em sala de aula nas turmas do ensino médio e até mesmo na produção de textos acadêmicos as dificuldades quanto a interpretação textual, e principalmente, na produção escrita. Os elementos da textualidade de ordem semântica: a coesão e a coerência, causam insegurança na produção das tão propagadas redações do Exame Nacional do Ensino Médio – ENEM e não é diferente na produção de textos científicos quando o aluno já se encontra na graduação. Não é diferente também quando os alunos se expressam oralmente em um registro formal. Ouso em dizer que estas produções, orais e escritas, são temidas e muitas vezes mal compreendidas porque por muito tempo a escola priorizou o ensino gramaticalista em detrimento da atividade de análise e reflexão sobre a língua ou a análise epilinguística. É importante falar que tanto a atividade epilinguística como a metalinguística são atividades de reflexão sobre a língua, diferem nos seus fins. A atividade epilinguística é voltada para o uso da língua, já a atividade de metalinguagem é voltada para descrição, por meio de categorização e sistematização dos elementos; não está vinculada ao processo discursivo. Não por acaso, foi

---

<sup>1</sup> Doutora pelo Curso de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal da Paraíba – UFPB, [medeia@yahoo.com.br](mailto:medeia@yahoo.com.br)

com o *boom* da crítica ao ensino da categorização, da classificação e que trouxe o texto como unidade de ensino e reflexão sobre a língua em uma perspectiva discursiva, que tivemos acesso a um interessante texto intitulado: “Gramática e interação, texto e reflexão – uma proposta de ensino e aprendizagem de língua portuguesa nos ensinos fundamental e médio”, produzido por Cereja (apud BASTOS, 2002, p. 247-253). Neste trabalho o autor introduz tecendo algumas críticas ao ensino desenvolvido por meio de uma concepção de língua abstrata e ao discurso enviesado sobre o ensino contextualizado de gramática, diferente daquilo que a linguística textual tomou por objeto. No ensino contextualizado de gramática tal como foi interpretado por alguns, o texto fora relegado ao papel de suporte, ou seja, quase sempre transformado em pretexto para exercícios de reconhecimento ou classificação gramatical com a ausência da interpretação, atividades necessárias aos estudos gramaticais. Segundo o referido autor, “o texto raramente é tomado como unidade de sentido e, mais raramente ainda, como discurso” (Idem, p. 249).

Em uma reflexão sobre a prática de análise linguística, Geraldi (1997, p. 74), afirma que a mesma,

inclui tanto o trabalho sobre questões tradicionais da gramática quanto questões amplas a propósito do texto, entre as quais vale a pena citar: coesão e coerência internas do texto; adequação do texto aos objetivos pretendidos; análise dos recursos expressivos utilizados (...); organização e inclusão das informações”.

Na busca por um ensino que reflita sobre o uso da língua e contribuição para a prática pedagógica do professor, foi iniciada a leitura e o trabalho em sala de aula com as turmas das disciplinas Estágio Supervisionado e Leitura e Produção de Texto do curso de Letras, e posteriormente, trabalhado com as turmas do Ensino Médio. Ao trazer para a reflexão o ensino da língua e a prática de análise linguística no ensino, trabalhou-se as concepções de texto, textualidade e seus elementos, dando prioridade a coesão e a coerência. Para refletir sobre a coesão e a coerência, elementos importantes da textualidade, trabalhou-se com a leitura, compreensão e interpretação do poema *Cidadezinha Qualquer* do Carlos Drummond de Andrade. Nas considerações finais faremos uma breve reflexão sobre a importância do ensino da gramática de forma contextualizada em que leitura, compreensão, interpretação e estudos gramaticais estão intrínsecos.

Este artigo objetiva ampliar e contribuir para as reflexões sobre o ensino de língua portuguesa com a prática de análise linguística voltada, sobretudo, para o uso da língua, conforme sugerido pelos PCNEM, concorrendo para compreensão do texto enquanto unidade de discurso.

## TEXTO E TEXTUALIDADE: A COESÃO E A COERÊNCIA

Segundo Costa Val (1999), o texto ou discurso, falado ou escrito, seja qual for a sua extensão, é dotado de unidade sociocomunicativa, semântica e formal. Para que seja visto como texto e não apenas uma sequência de frases sem sentido é necessário que ele tenha um conjunto de elementos que compõem a textualidade, com características que fazem com que uma sequência linguística seja um texto e não uma sucessão de frases. Ou seja, características que dão a um discurso a garantia de ser aceito como texto. Para isto, de acordo com Beaugrande e Dressler (apud COSTA VAL, 1999), a textualidade deverá trazer sete fatores: a coerência e a coesão, que se relacionam com o material conceitual e linguístico; a intencionalidade, situacionalidade, aceitabilidade, intertextualidade e informatividade que se relacionam aos fatores pragmáticos envolvidos no processo sociocomunicativo.

Em um texto a função da coesão é de criar, estabelecer, sinalizar os laços que deixam os vários segmentos do texto ligados, articulados, encadeados, promover a continuidade do texto. Ou seja, para que um conjunto de palavras ou de orações forme um texto, é preciso que esse grupo apresente um encadeamento, uma articulação, isto é, elos. E será exatamente dessa articulação que resultará o fio condutor para a sequência, ou continuidade. Antunes (2005), ressalta que a coesão visível funciona como marcas da coerência e por isso a coesão se materializa nas ocorrências de vários recursos morfossintáticos e lexicais, nas relações semânticas entre palavras e categorias gramaticais, etc.

Segundo a referida autora, a partir de conversas com próprios professores ela percebeu que muitos falam de coesão e de texto coeso, mas não têm uma ideia muito clara do que seja e como ela é conseguida:

Falam de coesão como uma coisa meio abstrata e vaga, uma espécie de zona indefinida que tudo abarca, que comporta tudo o que não se sabe bem o que é. Tudo que a gente não consegue explicar bem é, genericamente, apontado como uma questão de coesão ou de coerência (ANTUNES, 2005, p. 43).

O sujeito para produzir um texto falado ou escrito é necessário que seja de forma articulada, de modo que o interlocutor entenda o que queremos. Ninguém fala ou escreve trazendo de forma desarticulada as coisas que se quer dizer. Tudo vem encadeado, umas partes ligadas a outras, de forma que nada fica solto e um segmento dá continuidade a outro.

(...) cada segmento do texto - da palavra ao parágrafo – está preso a pelo menos um outro. Quase sempre, cada um está preso a muitos outros. É por isso que vai se fazendo um fio, ou melhor, vão-se fazendo fios, ligados entre si, atados, com os quais o texto vai sendo tecido, numa unidade possível de ser interpretada” (ANTUNES, 2005, p. 46).

A função da coesão é promover a continuidade, a harmonia do texto, contudo a coesão apenas não é suficiente, é necessário que as ideias apresentem um ordenamento de modo a garantir a coerência. Segundo Charolles (apud ANTUNES, 2005), há quatro maneiras que um texto coerente deve se apresentar: pela repetição, ou seja, retomada de elementos no decorrer do discurso; pela progressão, o texto deve retomar seus elementos conceituais e formais, mas não deve limitar-se a isso; pela não-contradição, um texto precisa respeitar princípios lógicos elementares, suas ocorrências não podem se contradizer e pela relação, um texto articulado coerentemente possui relações estabelecidas, firmemente, entre suas informações, e essas têm relação umas com as outras.

A coerência é responsável pelo sentido do texto, envolve não só aspectos lógicos e semânticos, mas também cognitivos, na medida em que depende do partilhar de conhecimentos entre os interlocutores” (COSTA VAL, 1999, p. 5).

Segundo Antunes (2009, p. 202 - 203), “o sentido do texto não está apenas nas palavras que constam na sua superfície nem está nos limites da gramática. O sentido de texto (...) resultam de elementos que estão, simultaneamente, dentro e fora dele”.

Para produzir um texto falado ou escrito o autor precisa mobilizar diferentes tipos de conhecimento: conhecimento linguístico (conhecimento de gramática, do léxico e da forma como se faz o agrupamento e a segmentação das unidades menores); conhecimento textual (tipos e gêneros; estratégias e recursos de sequencialização dos diferentes blocos do texto, recursos de coesão, da coerência e de outras propriedades da textualidade; padrões de referência etc.); conhecimento de mundo (conhecimento que decorre de nossa familiaridade com os esquemas de organização da experiência do sujeito, a partir dos quais podemos prever a coexistência (ordenada ou não) de elementos, e, assim apreender os sentidos do texto, sobretudo aqueles não explicitados. A coerência não depende unicamente dos componentes linguísticos do texto. Se pensarmos sobre a textualidade, devemos lembrar que ela é de natureza complexa e se constituiu de uma estrutura linguística e outra extralinguística. Ambas determinantes para a coerência do texto. Desta forma, fatores situacionais podem ser considerados para definição de coerência dos textos sem que neutralize o seu material linguístico (ANTUNES, 2009).

Levando em consideração estes aspectos iremos trabalhar no momento seguinte com a prática de análise linguística, a partir da leitura do poema *Cidadezinha Qualquer* do Carlos Drummond de Andrade, publicado em 1930.

## **A PRÁTICA DE ANÁLISE LINGUÍSTICA ATRAVÉS DO POEMA CIDADEZINHA QUALQUER**

Cidadezinha Qualquer

Casas entre bananeiras  
mulheres entre laranjeiras  
pomar amor cantar.

Um homem vai devagar.  
Um cachorro vai devagar.  
Um burro vai devagar.  
Devagar... as janelas olham.

Eta vida besta, meu Deus.

Ao fazer uma leitura do poema é possível identificar logo no título que o autor irá retratar uma pequena cidade entre tantas do interior de Minas ou de qualquer outro Estado do país no início do século XX, precisamente na década de 1930, quando Drummond escreveu o poema.

A primeira estrofe do poema resulta em uma generalização dos substantivos empregados: casas, bananeiras, mulheres, laranjeiras, pomar, amor e cantar (substantivado). Desta forma e sem a ocorrência de artigos e pontuação o autor apresenta, uma visão global e dinâmica. O intuito é mostrar de forma panorâmica uma cidadezinha e a vida das pessoas que ali estão.

Ao estudar a língua interessa justamente esses aspectos, em vez de mero reconhecimento do artigo e da classificação importa mais observar como certas escolhas linguísticas feitas dentro do leque de coerções da língua e do estilo pessoal participam da construção do sentido do texto.

A construção sem verbos demonstra a falta de ação objetiva inerente à cidade retratada, ao mesmo tempo em que a inexistência de pontuação denota a simplicidade da vida interiorana. É como se, num movimento rápido de uma câmera cinematográfica, se apreendesse uma visão global e dinâmica de uma cidadezinha qualquer do interior onde elementos humanos se fundem à paisagem natural. Nessa visão panorâmica, não há espaço para artigos e adjetivos; é a coisa concreta que aflora na paisagem. A falta de pontuação, no primeiro verso, acentua o dinamismo da cena (e não do objeto), como que compondo um painel constituído por *flashes* de uma

pequena e pacata cidade de interior. A paisagem naturalizada, somada ao aspecto humano, que com ela se funde, confere ao poema algo de eterno, de mítico e estático (Cereja, apud BASTOS, 2002).

No decorrer do poema nos chama atenção as palavras e frases repetidas, o uso mínimo de verbos, um advérbio que é bastante significativo no poema e a prevalência de substantivos. Com certeza Drummond não se preocupou em quantificar os verbos, substantivos, artigos e advérbios, ou em classificá-los, mas algo certamente lhe interessava muito: a construção do sentido ou dos sentidos do texto, falar de forma poética do cotidiano de uma cidadezinha.

Para obter os sentidos pretendidos, o autor em todo o texto valeu-se dos conhecimentos sobre os recursos de que dispõe a língua. Se na primeira estrofe há ausência de artigos, na estrofe seguinte, há três ocorrências do artigo indefinido “um”. O poeta usa o mesmo artigo, o mesmo verbo e o mesmo advérbio, alterando apenas o substantivo. Sai de uma visão panorâmica e seleciona na paisagem, um homem, um cachorro e um burro. O artigo indefinido “um” tem papel importante. Ao induzir o leitor a colocar na mesma condição ao homem, ao cachorro e ao burro o poeta generaliza e não especifica. O homem tem um cotidiano diferente dos animais, mas ao repetir o advérbio devagar o poeta passa a ideia que na cidadezinha tudo acontece de forma lenta, pacata, tanto com homens quanto com os animais, reforçando a ideia de rotina. Se utilizasse o homem, teríamos a ideia que uma pessoa praticava a ação.

A repetição das palavras não compromete o entendimento do texto, muito pelo contrário, é um recurso de coesão e que ao mesmo tempo reforça a ideia de que na cidade tudo acontece de forma lenta. Nesta mesma estrofe o poeta retoma o advérbio devagar, utilizando reticências como sinal de continuidade e destaca: “as janelas olham”. Aqui ele reitera o que já foi dito, desta vez havendo uma progressão temática, aspecto importante, ou seja, o autor não se limitou a repetir a palavra “devagar”, ele apresenta novas informações a propósito dos elementos mencionados. Há acréscimos semânticos que fazem o sentido do texto progredir. No plano da coerência, percebe-se a progresso pela soma das ideias novas às questões já tratadas. A opção pelo artigo definido “as” não é casual, mas uma condição para contrapor o geral ao particular. A personificação de janelas (figura de linguagem) resume, no poema, aquilo que talvez seja a experiência mais concreta de quem vive ou viveu nesse tipo de cidade. As janelas olham dá a impressão da vida igualmente imóvel. Sabemos que isto simboliza um gesto peculiar aos hábitos dos habitantes da cidade pequena no início do século retratado. Se nos valemos de repetições, de substituições, de conectores etc.; é para que aquilo que dizemos possa ter um sentido e uma intenção reconhecidos.

Por fim, a expressão “Eta vida besta, meu Deus”, há espanto e ao mesmo tempo espontaneidade do autor, ele resume num sentido que tem relação com tudo que já fora falado. É uma expressão peculiar aos hábitos linguísticos dos habitantes de pequenas cidades em determinadas regiões do país. Assim o autor traz para o texto marcas da oralidade das pessoas simples. Ao fazer isto Drummond lança um olhar diferente no texto escrito, ele enxerga na língua as suas diferenças de usos e não uma língua escrita uniformemente. Nisto, o trabalho com este tipo de gênero constitui um campo privilegiado para possibilidades da variação linguística, o que Drummond fez muito bem.

A coesão é uma decorrência da própria continuidade exigida pelo texto, a qual por sua vez e exigência da unidade que dá coerência ao texto. Existe, assim, uma cadeia facilmente reconhecível entre relação continuada, unidade e coerência. É artificial separar coesão de coerência, assim como é artificial separar forma de conteúdo. O máximo que se pode dizer é que a coesão está em função da coerência, no sentido de que as palavras, os períodos, os parágrafos, tudo, qualquer segmento se interliga no texto para que ele faça sentido, para quem lê se torne interpretável. Isto se faz, principalmente, entre os leitores que vivenciaram a experiência de morar ou conhecer uma cidadezinha do interior do país naquela década.

Evidentemente, sabemos tratar-se de um texto poético; um gênero de texto em que podemos exercitar à exaustão nossa capacidade de transcender os limites impostos pela realidade, pelas lógicas todas, e conseqüentemente, fugir às determinações das gramáticas e dos valores semânticos das palavras, sem fugir, no entanto, à determinação de ser coerente, de fazer sentido. Existe assim coesão e coerência no texto. O sentido do poema não está apenas no sentido do que está explicitado. Está na forma como as coisas foram ditas; melhor dizendo, está na repetição, acentuando a mesmice de seres humanos e até dos animais.

Ele é coerente não porque é um texto poético. É coerente porque se pode, por uma via qualquer, recuperar uma unidade de sentido, uma unidade de intenção. Isto ficou claro, contudo, para que um texto seja coerente, é preciso que ele comporte em seu desenvolvimento linear elementos de estrita recorrência. Diferentes tipos de retomada, ou seja, diferentes modos de voltar a uma parte anterior do texto para estabelecer com ela um tipo qualquer de ligação. Fazemos isso através de recursos de repetições, de substituições, da elipse.

Só que o aparato linguístico que o texto assume vai depender também do que se pretende dizer e de como se pretende interagir com o interlocutor.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

É fundamental no domínio da linguagem, o que se faz e como, dentro de determinado contexto, e este, o que fazer e como fazer, vai sofrer consequências porque são dependentes das concepções que o professor assume ou conhece: concepção de leitura, de escrita, de língua, de gramática, de texto, etc. com propósitos diversos na interação em sala de aula, que como sabemos, envolve no mínimo dois sujeitos. O professor que em sua prática tem isto claro irá ser independente do livro didático, passará a trabalhar com os textos produzidos pelos alunos e trará seus próprios textos produzidos e refletidos a partir da sua experiência em sala de aula. Terá um trabalho contínuo e enriquecido em uma época que se faz necessário despertar o leitor crítico, reflexivo e competente em sua língua, desde que haja uma conversão de uma prática puramente metalinguística para uma reflexiva, pelo viés semântico, pragmático-discursivo. Ao fazer isto o docente trabalha como uma concepção de leitura, escrita e ensino da língua de forma inovadora. É certo que o conhecimento disponível atualmente recomenda uma revisão das metodologias e aponta para a necessidade de repensar sobre teorias e práticas e este repensar será sempre necessário.

## REFERÊNCIAS

- ANRADE, Carlos Drummond de. **Alguma poesia**. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.
- ANTUNES, Irandé. **Língua, texto e ensino: outra escola possível**. São Paulo: Parábola, 2009.
- \_\_\_\_\_. **Lutar com palavras: coesão e coerência**. São Paulo: Parábola: 2005.
- BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: língua portuguesa**. Secretaria de Educação fundamental. – Brasília: MEC/SEF, 1998.
- BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Orientações Curriculares para o Ensino Médio**. Linguagens, Códigos e suas tecnologias, Volume 1, 2006.
- CEREJA, William Roberto. Gramática: interação, texto e reflexão – uma proposta de ensino e aprendizagem de língua portuguesa nos ensinos fundamental e médio. In: BASTOS, Neusa B. **Língua Portuguesa: uma visão em mosaico**. São Paulo: EDUC/INEP, 2002.
- COSTA VAL, Maria da Graça. **Redação e Textualidade**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- GERALDI, Wanderley (org). **O texto na sala de aula**. São Paulo: Ática, 1987.